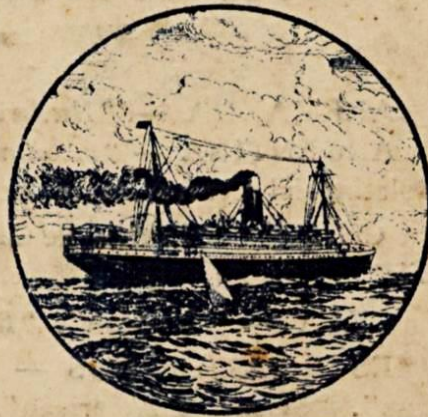


REVISTA MARITIMA BRASILEIRA



SUMMARIO

Problemas Navaes de 1935 — Cap. de Fragata Didio I. A. da Costa	3
Façanhas de João das Bottas — Cap. de Fragata Lucas A. Boiteux	19
Notas de Viagem — Almirante Luiz Felipe de Saldanha da Gama	85
Os Corsarios na lucta de 1825 - 1828 — Almirante Henrique Boiteux	115
Novo typo interessante de agulha — R. B.	123
Premio "Greenhalg" — S. de S.	125
Imperial Ordem do Cruzeiro no Exercicio e na Marinha — Francisco Marques dos Santos	129
Revista de Revistas — A. R.	131
Aviões e submarinos — C. F. X.	163
Respiga	201
Noticiario	215
Annaes do Archivo da Marinha	231
Necrologia	233

MINISTERIO DA MARINHA

IMP. NAVAL

RIO DE JANEIRO

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DOS ESCOTEIROS DO MAR

CIRCULAR N. 12

Do: Commissario Adjunto
Aos: Chefes de Tropas
Assumpto: Grande Jogo Naval
Anexos: 1 thema do G. J. N.
1 Elucidação Historica do G. J. N.

1 — Afim de serem encerradas brilhantemente as actividades da F. B. E. M. em 1935, torno publicas as seguintes disposições para sciencia e governo dos nossos Chefes e Tropas.

2 — Todos os Clans, Grupos e Alcatéas da F. B. E. M. se empenharão a fundo num Grande Jogo Naval em que a gloria dos heróes de Itaparica será revivida e cultivada entusiasticamente com a reproducção da façanha do Tenente João das Bottas, que a 8 de Dezembro de 1822 forçou e rompeu a linha de bloqueio da Esquadra lusitana, para abastecer de viveres o Exercito Libertador.

3 — Para maior realce dessa importante actividade, serão convidados os nossos irmãos de terra que desempenharão o papel do Exercito Libertador, promovendo-se dest'arte, e, pela primeira vez entre nós, uma acção combinada de terra e mar, no desenvolvimento de um thema escoteiro de grande envergadura.

4 — Afim de ser encarnada o melhor possivel, a desproporção de forças daquella façanha de um seculo atrás, a Flotilha da F. B. E. M. cooperará do seguinte modo:

a) com a Esquadra de Bloqueio que se comporá de 2 Divisões, a 1ª de 7 navios, (Capitanea) e a 2ª de 6, assim discriminados: — 2 navios de a'to mar, 8 navios de cruzeiro, 1 navio de patrulha e 2 navios ligeiros, num total de 13 navios; (justamente o numero de navios que combateu João das Bottas).

b) com o D. Pedro I e o Trem de Carga de Bottas que constituirão a 3ª Divisão, composta de 6 navios, assim discriminados: — 3 navios de patrulha e 3 navios auxiliares. (1/3 do comboio real).

5 — As tropas de terra que adherirem a esse Grande Jogo Naval, cooperarão fornecendo os seguintes elementos:

a) o Exercito Libertador que se comporá do grosso das tropas de terra e que acampará proximo ao Porto de Cotegipe; (Ponta do Calabouço).

b) pequenos destacamentos, dotados de bons signaleiros, que occuparão os postos de observação que lhes forem confiados, nas eminencias e visinhanças do Reconcavo Bahiano. (Enseada de Jurujuba).

6 — A Esquadra de Bloqueio compor-se-á das seguintes Divisões, Numeraes, Navios e Guarnições:

1ª DIVISÃO — DV-1

- NAM — 1 — Carelli (Cap.) — C. N., 10º, Botaf., Exced.
 NC — 2 — Parnahyba — Olaria
 NC — 4 — Alerta — Botafogo
 NC — 5 — Comte. Sodré — Paquetá
 NC — 7 — Tatuhy — Celline
 NP — 4 — Gaivota — Jequiá
 NL — 1 — Barrozo — Equipe Barrozo

2ª DIVISÃO — DV-2

- MAM — 2 — Baden (Cap.) — Euclides da Cunha
 NC — 1 — Celline — Cocotá
 NC — 3 — Perola — Euclides da Cunha
 NC — 6 — Maracajá — Botafogo
 NC — 8 — Taunay — Barão de Jaceguay
 NL — 2 — Agua Viva — Equipe Velho Lobo

7 — O D. Pedro I e o Trem de Carga compor-se-ão respectivamente da Divisão, Numeraes, Navios e Guarnições, abaixo discriminados:

3ª DIVISÃO — DV-3

- NP — 1 — Loretti (Cap.) — 10º Grupo
 NP — 2 — V. Lobo — Barão do Triumpho
 NP — 3 — America — 10º Grupo
 NA — 1 — Lobinho — 10º Grupo
 NA — 3 — Ayn.oré — 10º Grupo.

8 — Esse Grande Jogo Naval denominar-se-á o "*Bloqueio*". Sua duração desta vez será apenas de 24 horas. (15 hs. do dia 28 ás 15 hs. do dia 29 de Dezembro proximo).

9 — As Forças Libertadoras occuparão as suas posições ás 15 horas, devendo por isso ser feita a concentração na séde da F. B. E. M. ás 13 horas em ponto, quando então, num rapido Conselho de Chefes, será distribuida a responsabilidade de cada tropa, previamente organizada, dactylographada e acompanhada de um codigo cifrado, para uso privativo dos Chefes e seus Assistentes e Substitutos.

10 — A Esquadra de Bloqueio occupará a posição que o seu capitanea lhe destinar ás 16 horas, devendo por isso concentrar-se ás 15 horas, na séde da F. B. E. M., quando então em rapido Conselho, será lido pelo Chefe o plano do bloqueio e distribuidas as responsabilidades de cada navio.

11 — O uniforme será mescla, chapéo, pés descalços, roupa de abrigo e agasalho, tudo em summa que habilite a tropa a passar, o melhor possivel, uma noite ao relento, em dura vigilancia virilizadora, protegida sempre, entretanto, pela providencia, pela iniciativa e pelo saber marinheiros.

12 — Os lobinhos serão empregados apenas em terra firme, durante o dia e naquillo que as suas habilidades recommendem, tal como signalização, vigilancia, observação serviço de estafetas, etc. (Levar barracas).

13 — Todos os navios se aprestarão desde já para esse Grande Jogo Naval de modo a se apresentarem em "grande fôrma" e dotados de todos os recursos necessarios á sua missão e segurança collectiva.

14 — Todos os navios içarão a Bandeira Nacional, mas, além desta, usarão as seguinte bandeirolas, distribuidas em tempo pela F. B. E. M. amarellas na Esquadra de Bloqueio e vermelhas no Trem de Carga.

15 — A F. B. E. M. envidará todos os esforços para filmar esta actividade, mas, se isto não for possível baterá no minimo 100 photographias e realizará com ellas e outros detalhes interessantes, uma Exposição, no centro da cidade.

16 — A's 16 horas do dia 29 terminará o Grande Jogo Naval, quando, a um signal do Commissario Nacional dos Escoteiros do Mar do Brasil, soarão todos os apitos e buzinas dos navios e o capitanea dará uma salva de 8 tiros, em honra ás nossas 8 Commissões Regionaes de Escoteiros do Mar. A seguir, serão empreendidos: — a concentração de toda a Flotilha e o regresso de todas as tropas e navios.

17 — Ás 16 horas, realizar-se-á uma concentração geral, na Praça Servulo Dourado, de todas as tropas de terra e mar que se empenharem nesse grande jogo, ao centro da qual, os chefes ouvirão a critica de Velho Lobo e a proclamação do vencedor.

18 — Essa actividade começará e acabará por uma grande cadeia de fraternidade, que, symbolizará a estima sincera, existente entre nós e os nossos avoengos portuguezes, antes e depois das guerras da Independencia.

19 — Uma lancha ou rebocador realizará o transporte dos escoteiros de terra de onde e para onde convier, ficando a mesma á disposição das Forças Libertadoras.

20 — A subsistencia das tropas correrá por conta propria. O Exercito Libertador, acampado proximo de Cotegipe, installará cozinha e cumprirá um programma que lhe será confiado opportunamente. A Esquadra de Bloqueio, o Trem de Carga e os Destacamento sde signaleiros, deverão levar refeições frias.

21 — Será feito um appello vehemente a todos os jornaes, revistas e estações de radio, no sentido de cooperarem tambem, fazendo, desta importante actividade, a melhor e a mais larga propaganda.

O BLOQUEIO

GRANDE JOGO NAVAL.

(Desenvolvimento do thema)

1 — Ás 17 hs. do dia 28, um comboio de Nazareth, (Varzea de Jurujuba) estará empenhado no carregamento de viveres daquella fertil região para salvar o Exercito Libertador, que está passando privações, no assedio á

Capital Bahiana, ainda em poder dos reinões. Esses viveres, serão representados por uma bôa carga de fructas, — laranjas, mangas, bananas, cajús, etc., — de modo a dar maior tom de realidade ao Jogo: — trabalho real, viveres reais, preocupação do tempo, abastecimento real, etc.

2 — O comboio de viveres chega ao Porto de Itaparica (Jurujuba) e fica desesperado por não poder proseguir devido ao bloqueio da Esquadra luzitana.

3 — Apresta-se então o D. Pedro I, armado de uma unica peça, para tentar a ruptura do Bloqueio, proteger o comboio de viveres, attingir com elle Cotegepe, (Ponta do Calabouço) abastecer o Exercito Libertador e regressar são e salvo ao Porto de Itaparica (Jurujuba).

4 — As Forças Libertadoras se empenharão a fundo para collimar esse objectivo, seja como for e custe o que custar, e a Esquadra de Bloqueio, procurará descobrir o inimigo e aprisional-o, destruindo dest'arte o seu plano.

5 — O aprisionamento de navios só se dará por abordagem e nas seguintes condições:

- a) 1 navio maior prende 1 menor;
- b) 2 navios menores prendem 1 maior;
- c) 1 navio da Esquadra de Bloqueio prende 1 navio de igual classe do Trem de Carga.

As classes a que se refere a lettra "c" deste item, são as seguintes:

- a) navios de alto mar (NAM)
- b) navios de cruzeiro (NC)
- c) navios de patrulha (NP)
- d) navios ligeiros (NL)
- e) navios auxiliares (NA)

6 — A Esquadra de Bloqueio limitar-se-á ao Bloqueio e não poderá:

- a) operar desembarques;
- b) fundear ou pairar de dia a menos de 200 metros da costa;
- c) fudear ou pairar de noite a menos de 100 metros da costa;
- d) aproximar-se dia ou de noite a menos de 200 metros de Cotegepe; (Ponta do Calabouço);
- e) exercer a espionagem.

7 — O Trem de Carga e seu capitanea, empregarão todos os esforços, artificios e camouflages, para burlar a vigilancia do inimigo e romper ou annullar o Bloqueio, mas, não poderão, sob pretexto algum:

- a) navegar a reboque de navios extranhos á DV-3;
- b) viajar a bordo de navios extranhos á DV-3;
- c) utilizar motores.

O BLOQUEIO

*Elucidação historica do Grande Jogo Naval de fim de anno
dos Escoteiros do Mar)*

Proclamada a nossa independencia a 7 de Setembro de 1822, os portuguezes residentes no Brasil se desavieram e amotinaram na Bahia, formando duas correntes, intransigentemente adversas, que, immediatamente se empenharam, em lucta encarniçada.

Uma, chefiada pelo General Madeira, Commandante em Chefe das Forças Portuguezas e apoiada pela Esquadra luzitana, cujo poder subia a 40 navios de combate, guerreava pelo desmembramento do Brasil e se apossara da Bahia a poder de metralha, tentando em vão esmagar ou submeter a consciencia nacional, pondo dest'arte, a sua fidelidade e bravura, ao serviço do Reino e das Côrtes.

Outra, constituída de portuguezes identificados com a terra dadivosa e bôa do Brasil, gente amiga de D. Pedro, possuidora de espirito affectivo e inexcedível bravura, devotara-se de corpo e alma á causa dos independentes, por ella arriscando, com o mais louvavel dos desprendimentos, o bem estar e o conforto, os seus bens e a sua fortuna, suas terras, suas colheitas, suas vidas.

Entre estes ultmios, avulta a figura excepcional de João das Bottas, Tenente da Armada Real de Portugal e um dos mais legitimos criadores da nossa Marinha de Guerra.

Typo acabado de lobo do mar, bravo, dotado de um sangue frio extraordinario, velejador de primeirissima ordem, realizador, incansavel, apostolo da primeira linha da Independencia, e, glorificado, mezes atrás, por um desterro em Lisbôa, que ainda mais o popularizou entre os bahianos, foi elle distinguido, pelo governo de Cachoeira, para criar e commandar, em aguas de Itaparica, a incipiente Esquadra do Brasil.

São muitos os feitos desse herôe popular e merecem da nossa parte, com o vagar do tempo, trabalho mais completo, embora pequeno, borsatil, para ser de todos nós enamorados da Marinha a véla, o evangelho de todo o dia, toda noite e toda hora. Um delles porém, e é precisamente a sua estreia, merece real destaque e urgente publicidade.

As tropas luzidias e reinôes, batidas, encurraladas, vencidas pela audacia brasileira, atiradas em multiplos recuos, encolhiam-se a meúdo contra a côsta, apoiadas na Esquadra luzitana.

Em torno vigilante, incendiado pelo mais puro patriotismo, batendo-se em cada lance com a furia dos Guararapes, electrizado pela sua propria coragem, victorioso e galhardo em cada arremesso napoleonico, o Exercito Libertador crescia, avançava, engrossava, dominando e espremendo as tropas inimigas, no assedio á Capital.

Mas, aquelle Exercito sitiante, composto de soldados sem soldo, de caboclos descalços e farroupilhas ousados, aquelle Exercito que não recuava nunca e que vencia e que esmagava, em cada assalto e em cada refréga, aquelle Exercito valente e miseravel, estava a morrer de fome!

No porto de Itaparica entretanto, protegidas pelo Forte de S. Lourenço, estavam fundeadas 18 embarcações, procedentes de Nazareth e atonetadas de viveres, destinados ao Exercito Brasileiro.

Bloqueadas porém pela Esquadra luzitana, viviam ali desesperadas, ha já alguns dias, naquella vida continua de modorras e vigílias, sobresaltos e resistencias e heroismos edificantes.

Os chefes se reuniram para uma conferencia. Urgia salvar o Exercito! Salval-o, seria salvar a Independencia inteira!

E aqui se alteia, esplende, empolga e fascina, a heroica, a legendaria, a nelsoniana figura do bravo João das Bottas. Possuidor das mais raras qualidades marinheiras, elle apresta rapidamente o barco D. Pedro I. Arma-o com a unica peça de que poude dispor. Instrue a sua gente. Agita-lhe o brio. Sacode-lhe os nervos. Exhalta-lhe a coragem. Atiça-lhe o odio e o espirito de revanche contra a acção brutal dos dominadores. Atira em summa, em ordem de marcha, aquella massa compacta de patriotas e bravos. Faz-se dono della. Sente-lhe o pulso. Ganha-lhe a confiança inteira. Prepara-a com desvelo para a sua primeira acção e realiza-a galhardamente, com absoluto exito.

Na manhã de 8 de Dezembro de 1822 reúne elle na praia os mestres e arraes dos 18 cargueiros acima referidos. Dá-lhes instrucções severas e utilissimas, das quaes iam depender, o exito da travessia e ordena o embarque.

As praias, os morros, as pontas, todas as eminencias e todos os póstos de observação, fervilhavam de gente. Agitavam-se lenços, derramavam-se lagrimas emotivas, explodiam gritos barbaros e toda aquella avalanche de gente *torcia* pelo exito da empreza do seu querido e denodado Bottas.

Cada mestre e cada arraes, já havia transmittido á sua guarnição, numia unica senha, todas as ordens e pensamentos do Chefe:

“Antes a morte que a vergonha de uma rendição”!

Ninguem pestanejara sequer. Estava certo. Era isso mesmo. Marchariam para a lucta e para a gloria, sem olhar consequencias. Bater-se-iam valentemente até a ultima gotta de sangue.

Num abrir e fechar de olhos organizou-se o comboio composto das 18 embarcações, acima referidas.

Tempo bom. Visibilidade. Vento sul.

De bordo do D. Pedro I, Bottas dirige, calcúla e prevê serenamente as cousas. Mette o trem a sotavento do capitanea, navios folgados entre elles, com lazeira bastante para as manobras, a toda força de véla, em róta batida para o porto de destino. Attrahe o inimigo sobre ella. Entretem-n’o. Ataca-o corajosamente. Sua audacia incrível desconcerta a fróta lusa, que converge sobre elle a sua attenção, o seu odio e o fogo de 13 navios.

O trem de carga se aproveita disso. Barlaventeia magnificamente. Legeiro, leve, bolinador e bem patroado, empolga de longe Itaparica inteira, com aquella escapada impressionante e vertiginosa!

Bottas, o idolo daquella gente, está simplesmente maravilhoso!

De pé sobre o convés, o cabello crescido e loiro caracolante ao vento, cachimbo ao canto da bocca, o olhar de aguia real a varrer o horizonte veleiro, medindo com precisão o tempo da arribada, sereno e bravo, sem pensar uma só vez em dar trégua aos reinóis, e, contente com a pontaria eximia dos seus artilheiros, que atiram sem cessar, castigando o inimigo duramente, elle esplende e fascina ao sol daquella manhã, envolvido por uma grande auréola de gratidão, de toda a Patria reconhecida!

Subito, apercebe-se de que o bloqueio está roto, suas linhas forçadas intelligentemente e o trem dispondo do barlavento folgado de que carece. Não hesita um segundo. Iça o signal de arribada geral. Mette-se á cauda do comboio para protegel-o, e, atirando bravamente, escapa célere á Esquadra inimiga, numa corrida sensacional, numa arribada desconcertante, com todas vélas pandas e as escotas bem folgadas, indo parar a Cotegipe, — o porto de destino, — com a sua intacta e preciosa carga, e, com ella, a salvação do Exercito Libertador.

Radiante, Bottas reúne novamente os seus homens. Abraça-os. Felicita-os. Mas, typo classico do marinheiro, flegmatico, audacioso, fibra-dura, insatisfeito da gloria alcançada, esclarece logo aos seus companheiros:

Descarregar e voltar é a senha! Exactamente porque elles não nos julgam capazes desta audacia, é que nós devemos e vamos realizal-a hoje mesmo, sahindo-nos bem ainda uma vez!

E assim foi. Envolvido pela noite, tangido pelo terral, alerta, vigilante, empolgado pela causa, sacudido para a frente pelo espirito a aventureiro da raça, glorificado pelo arrojo itaparicano, sereno e bravo, resignado e corajoso, o trem partiu, desta feita vasio, mas, emmoldurado de glorias e de renome e protegido sempre pelo D. Pedro I, de cujo bordo a figura de Bottas se alçava, emergindo da bruma nitidamente, como um anjo salvador da Independencia!

Alta madrugada, o modesto capitanea dessa atrevida e ligeira flotilha, cruza ao largo, com um brigue luzitano, atirando sobre este a queima-roupa... Mas, afóra este incidente, nada mais houve digno de registro e a flotilha de Bottas aportou sã e salva ao Porto de Itaparica aos primeiros albores da manhã, ovacionada pelo delirio da multidão, debaixo de gritos e vivas ensurdecadores, coberto toda ella por uma chuva de aplausos.

GELMIREZ, C. A.

AS BIBLIOTHECAS E O PROBLEMA DA CULTURA

Conferencia em Franca, Estado de São Paulo, pelo Dr. Alcides Bezerra, sob o auspicio da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres.

O conceito de cultura é um dos ultimos forjados pelos povos occidentaes. Talvez não conte trezentos annos. Mas a cultura é uma realidade, um super-organismo como a igreja e o Estado.

Todos nós somos membros do super-organismo cultural. E como esse super-organismo precisa ter uma base organica, para substituir, tudo quanto